

**Evaristo Eduardo de Miranda**  
Pesquisador da Embrapa, autor do  
livro *Sábios Fariseus - Reparar uma  
injustiça*, pelas Edições Loyola.

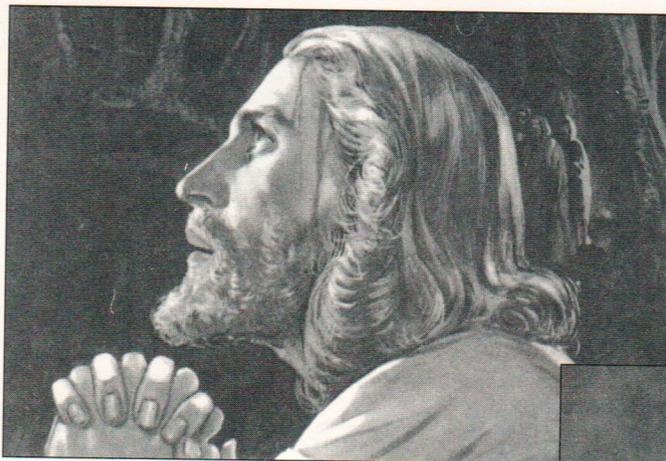


# Presença de uma ausência



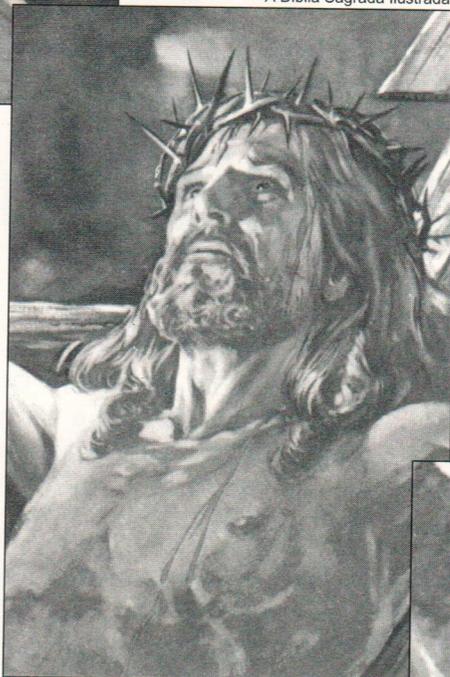
**M**anuel é o nome de muitos portugueses e brasileiros. Também na América hispânica, o nome é bastante freqüente, assim como o seu feminino: Manuela. A origem dessa palavra é o hebraico *Immanuel*. Significa: *El está conosco*. Em francês, o nome é assim mesmo: *Emmanuel* e *Emmanuelle*. *El* é uma das abreviações do nome de Deus do Primeiro Testamento: *Elohim*. Em todo o texto da sagrada escritura ninguém nunca imaginou, nem teve a pretensão, de chamar alguém com esse nome. Uma boa explicação pode ser encontrada no profeta Isaías e nas preocupações do rei Ahaz (Is 7,14).

Foi um longo caminho até o nome Manuel, chegar nas certidões de nascimento. Boa parte desse caminho, começou com os cristãos. Eles designaram Jesus como sendo *Immanu El*. E assim como existem pessoas chamadas Cristo, Jesus, Cristina, Cristiano etc., logo existiram os denominados Manuel, os carinhosamente chamados de Manés. Os judeus também foram adotando esse ambicioso nome. Tenho um grande amigo judeu, um sábio da *cabalá*, cujo nome é



A Bíblia Sagrada Ilustrada

A Bíblia Sagrada Ilustrada



A Bíblia Sagrada Ilustrada



José Manuel.

Numa estrada longa e cheia de desvios, as derrapagens são freqüentes. Os nazistas, por exemplo, utilizaram esse nome como seu slogan, durante a última grande guerra: *Got mit uns*. "Deus está conosco". Eles proclamavam, escreviam e inscreviam essa frase como algo duradouro, destinado a marcar a humanidade por milênios. Gritavam-na no campo de batalha e sinceramente, em sua grande maioria, deviam acreditar no seu Emanuel. Enquanto milhões de homens morriam na Rússia e nos campos de concentração, diante dessas tragédias incomensuráveis do século passado, Deus provavelmente não estava com ninguém, com lado algum.

O que proclamavam os encaminhados para as câmaras de gás, para os pelotões de fuzilamento? O que pensavam as vítimas dos bombardeios, da fome, do frio e das epidemias? A maioria dos fiéis ao Deus único, os cristãos, e principalmente os judeus repetiam uma pergunta desesperada de David, que os evangelhos põem na boca de Jesus crucificado, o salmo 22: - Meu *Ei*, meu *Ei*, porque me abandonaste? *Eli, Eli, lamá asavtani?* O evangelista Marcos,

em particular, constrói a paixão de Jesus, sobre esse salmo. Grupos e multidões, em meio à carnificina, diziam e ainda dizem: "Deus não está conosco". "Deus nos abandonou." Às vezes, basta um pequeno infortúnio e esse sentimento aflora. Onde estava Deus, que não evitou essa tragédia? Por que Deus não me poupou dessa desgraça ou dessa tristeza?

- Meu *Ei*, meu *Ei*, porque me abandonaste? Entre essa frase e a expressão *Immanu Ei*, entre a certeza do abandono e da presença de Deus junto de si, estendem-se todas as posturas e vivências da pessoa de fé, daquele que crê. Todo fiel, pelo menos uma vez na sua vida, fez a experiência pessoal dessas duas fases (Erri de Luca. *Première heure*. Rivages. Paris. 2000). Isso pode durar anos, meses... ou

acontecer em questão de dias e horas. Ao longo de uma eucaristia, de uma celebração de Páscoa, de *Pessach*, de uma oração. Em 2003, também será assim. No que pese a gratuidade das esperanças natalinas e a ilusão dos desejos fraternos. Esse é o caminho da *fides*, da maturidade e da verdadeira fidelidade interior. Como dizem os judeus, *Shaná Tová veMetuká!* (Feliz e doce Ano Novo!).